



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 17, nº. 1, janeiro-junho, 2020, p.27-38
DOI: 10.23925/1809-8428.2020v17i1p27-38

A ESTÉTICA DA RAZÃO EM JAMES: APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE EMBODIMENT¹

Jorge Francisco da Silva

Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco
linking@uol.com.br

Karl Heinz Efken

Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco
khefken@hotmail.com

Resumo: Ao lado de Peirce e Dewey, James integra o que chamamos hoje de Pragmatismo Clássico Norte-Americano, caracterizado por temas centrais como anticartesianismo e evolucionismo. James reuniu o que Descartes separou - mente e corpo - e assim desenvolveu seu conceito de *embodiment*. Este artigo apresenta as concepções originais de James (1890, 1907, 1916) acrescida às discussões e análises formuladas por três neurocientistas: Damásio (1994, 2000), Rohrer (2001) e Johnson (2007). Nosso objetivo é investigar o papel do corpo na percepção, sensação e conceptualização dos processos de significação do pensamento e da linguagem.

Palavras-Chave: Corpo. Percepção. Significação. Razão. Filosofia da Linguagem.

THE AESTHETICS OF REASON IN JAMES: NOTES ON THE CONCEPT OF EMBODIMENT

Abstract: *Alongside Peirce and Dewey, James integrates what we today call Classic American Pragmatism, characterized by central themes such as anticartesianism and evolutionism. James brought together what Descartes separated – mind and body – and thus developed his concept of embodiment. This paper presents James' original conceptions (1890, 1907, 1916) together with the discussions and analysis formulated by three neuroscientists: Damásio (1994, 2000), Rohrer (2001) and Johnson (2007). Our goal is to investigate the role of the body in the perception, sensation and conceptualization of the processes of meaning of thought and language.*

Keywords: *Body. Perception. Meaning. Reason. Philosophy of Language.*

* * *

¹ Trabalho apresentado nas Sessões de Comunicações do 19º EIP (Encontro Internacional sobre Pragmatismo) entre os dias 4 e 7 de novembro de 2019, na PUC-SP.

Considerações iniciais

O conceito de *embodiment* (doravante 'corporeidade') em James tem suas origens dentro de uma das teses centrais do pragmatismo clássico norte-americano: o tema da experiência. James define 'corporeidade' como a "insuperabilidade da sensação" (1916, p. 79). Conceção ou conceptualização, para James (1916), é um processo secundário que pressupõe a percepção, que é autossuficiente, como mostram todas as formas de vida inferiores que dependem dos seus instintos para sobreviver.

James (1916) argumenta que, para entender um conceito, você deve saber primeiro o que ele significa e que todo ou conteúdo conceitual é um empréstimo. Para entender o que significa o conceito de cor, você primeiro deve reconhecer o vermelho, o azul ou o verde. Para compreender o que significa resistência, você primeiro deve ter feito algum esforço e para saber o que significa movimento, você precisa de alguma experiência ativa ou passiva envolvendo deslocamentos. James (1916) inclui nesse raciocínio os conceitos abstratos. O significado real da palavra 'ilação' só é compreendido por alguém que participou de discussões acaloradas. O mesmo acontece com o conceito de 'proporção', que requer experiência ou exemplos práticos. James (1916) conclui que é possível criar novos conceitos a partir de elementos antigos, mas esses elementos são resultado da percepção. James (1890, 1907, 1916) trata o corpo como um organismo senciente que interage, modifica e evolui nos ambientes em que vive.

Atualmente, filósofos, neurocientistas e linguistas cognitivos investigam o papel desse corpo na percepção, sensação e conceptualização dos processos de significação do pensamento e da linguagem² em resposta e como forma de adaptação aos nossos ambientes.

1. Corpo como Teatro das Emoções

Damásio (1994) revela que seu interesse nos fundamentos neurais da razão despertou quando se convenceu de que as visões tradicionais sobre a natureza da racionalidade não podiam estar corretas. Damásio (1994) sempre ouviu que decisões lógicas dependiam de uma cabeça fria, que emoções e razão eram como óleo e água e não se misturavam. Essa visão cartesiana prevalente pregava a separação entre razão e emoção.

Damásio (1994) começou a desenvolver suas teorias sobre as relações entre razão e emoção ao tratar de pacientes com doenças neurológicas. Ele cita um caso de um paciente que tinha uma mente completamente saudável até que uma doença neurológica devastou um setor específico de seu cérebro e isso afetou profundamente sua capacidade de tomar decisões.

O paciente reteve seu conhecimento, atenção e memória; sua linguagem era impecável; conseguia realizar cálculos e refletir sobre problemas abstratos. Entretanto, associada à sua dificuldade em tomar decisões, o paciente também apresentou uma alteração acentuada da capacidade de experimentar emoções. Essa lesão cerebral específica indicava que a emoção é um componente integrante

² Tese de doutorado em desenvolvimento no PPGCL da Universidade Católica de Pernambuco sobre relações entre Pragmática e Pragmatismo.

do mecanismo da razão. Duas décadas de trabalho clínico e experimental com um grande número de pacientes neurológicos permitiram a Damásio observar e testar suas hipóteses sobre as relações entre razão e emoção.

Damásio (1994) destaca a importância da investigação de James sobre o espectro físico-emocional constituído a partir do conceito jamesiano de 'corporeidade'. Damásio (1994) ressalta que James, cujas concepções sobre a mente humana só encontram paralelos em Shakespeare e Freud, desenvolveu hipóteses pioneiras sobre a natureza das emoções.

Se evocamos alguma emoção forte e depois tentamos abstrair de nossa consciência todas as sensações e sintomas físicos, descobrimos que não sobra nada, nenhum 'material mental' que possa reconstituir a emoção, e que um estado frio e neutro de percepção intelectual é tudo o que resta. (JAMES, 1890, Vol. II. p. 451)

E James prossegue em sua convincente argumentação:

Que tipo de emoção de medo restaria se não houvesse a sensação de batimentos cardíacos acelerados, respiração superficial, lábios trêmulos [...]. Pode-se imaginar um estado de raiva sem nenhuma ebulição no peito, sem rubor no rosto, sem dilatação das narinas, sem cerrar os dentes, sem impulso para uma ação vigorosa [...]? (JAMES, 1890, Vol. II. p. 452)

Damásio (1994) observa que as investigações de James sobre os mecanismos essenciais para a compreensão das relações entre emoção e razão estavam bem à frente do seu tempo e ainda representam desafios consideráveis para o estágio atual da neurociência. Entretanto, Damásio (1994), baseado em pesquisas neuropsicológicas recentes em humanos e animais, descreve a plasticidade da arquitetura da razão como resultado da interação de vários sistemas cerebrais, trabalhando em conjunto em muitos níveis de organização neuronal, e não em um único centro cerebral. Regiões cerebrais de 'alto e baixo nível', dos córtices pré-frontais ao hipotálamo e tronco cerebral, cooperam na criação da razão.

Damásio (2000) vai além das percepções, sensações e emoções para considerar a construção do *self* como consciência em James. Damásio (2000) adota as propriedades fundamentais delineadas por James que define a consciência como seletiva, contínua, voltada para o exterior e pessoal.

Damásio (2000) afirma que a consciência central é gerada em fluxo contínuo para construir conhecimento e se apropriar dos objetos que se nos apresentam. Damásio (2000) admite que não conhecemos diretamente os mecanismos nos bastidores da mente que são responsáveis pela descoberta, construção e apropriação da imagem de um objeto, mas sabemos que o tempo requerido para estabelecer a ligação causal entre a imagem de um objeto e a sua apropriação pela consciência é ínfimo - cerca de quinhentos milésimos de segundo.

É difícil compreender como nosso *self* se manifesta dentro dessas mínimas escalas de tempo. Entretanto, Damásio constata o seguinte:

Enquanto você olha esta página e vê estas palavras, sente, de maneira automática e ininterrupta, que é você que está lendo. Você sente que os objetos que está percebendo agora – o texto, a sala à sua volta, a rua vista da janela – estão sendo apreendidos de *sua* perspectiva, e que os pensamentos formados em *sua* mente são *seus*, e não de alguma outra pessoa. Você também sente que pode alterar a cena caso deseje – pode parar de ler, começar a refletir, levantar-se e sair para uma caminhada. (Itálicos nossos) (DAMÁSIO, 2000, p. 253)

Damásio (2000) define ‘consciência’ como um termo abrangente usado para designar os fenômenos mentais que permitem o estranho processo que faz de você o observador ou o conhecedor das coisas observadas, o proprietário dos pensamentos formados de sua perspectiva, como organismo ou agente individual envolvido no processo de tomar conhecimento de sua própria existência e da existência de outros.

2. Corpo como Casa da Linguagem

Encontramos em nosso segundo autor um quadro extremamente interessante sobre as ligações entre o pragmatismo psicológico jamesiano e a linguística cognitiva. Rohrer (2001) define o conceito de ‘corporeidade’ e discute suas relações com a linguagem, principalmente, sobre a questão da percepção e organização da noção de espaço.

Em sua segunda palestra sobre *Pragmatismo*, James (1907) apresenta uma solução pragmática para resolver uma disputa metafísica sobre o significado da frase em inglês ‘*go around the squirrel*’. Segundo Rohrer (2001), o ‘esquilo metafísico’ de James é uma descrição brilhante e lúcida da ambiguidade de alguns quadros de referência espacial usados por seres humanos. James escreve:

O motivo da disputa era um esquilo agarrado a um dos lados do tronco de uma árvore; enquanto em frente e ao lado oposto da árvore, imaginava-se um ser humano em pé. Essa testemunha tentava avistar o esquilo, movendo-se rapidamente ao redor da árvore, mas, por mais que tentasse, o esquilo se movia mais rapidamente e na direção oposta, sempre mantendo a árvore entre si e o homem, nunca sendo visto. O problema metafísico resultante é o seguinte: o homem dá uma volta em torno do esquilo ou não? Ele contorna a árvore, com certeza, e o esquilo está na árvore; mas ele contorna o esquilo? (JAMES, 1907, p. 25)

De acordo com James, se você quer dizer passar ao norte do esquilo para o leste, depois para o sul, depois para o oeste e depois para o norte dele novamente, obviamente o homem o contorna porque ocupa essas sucessivas posições. Mas, se pelo contrário, você quer dizer estar primeiro na frente dele, depois à direita dele,

depois atrás dele, depois à esquerda e finalmente à frente novamente, é óbvio que o homem não deu a volta no esquilo, pois os movimentos compensatórios do animal fazem com que sua barriga esteja voltada para o homem o tempo todo.

Rohrer (2001) ressalta que James nos oferece não apenas uma sofisticada análise semântico-pragmático-cognitiva de dois significados do verbo frasal 'go round', mas também procura aprofundar nessa passagem aspectos filosóficos da percepção humana. O ponto inicial de James é que existem dois quadros de referência espacial igualmente racionais segundo os quais o problema pode ser considerado: um referencial geocêntrico, no qual é possível contornar o esquilo com referência às quatro direções cardeais; e um quadro de referência centrada no objeto, no qual é possível contornar o esquilo com referência à sua frente, lado esquerdo, costas e lado direito. Em ambos os casos, é a pessoa que se move, enquanto o esquilo é um marco referencial.

Prosseguindo, Rohrer (2001) apresenta duas definições básicas para o conceito de 'corporeidade', mas admite que, apesar de sua centralidade dentro da linguística cognitiva, esse termo ainda é um dos mais contestados.

Em primeiro lugar, 'corporeidade' está ligada ao princípio pragmático conhecido como anticartesianismo sobre as relações entre mente e linguagem. Descartes usou raciocínios geométricos e matemáticos como modelo para o estudo da mente e da linguagem, e concluiu que o conhecimento é incorpóreo, isto é, fundamentalmente independente de qualquer sensação corporal. Nessa perspectiva, a filosofia da linguagem consiste tipicamente em (i) mapear as relações de referência entre objetos mentais idealizados de conhecimento e os objetos ou 'estados de coisas' no mundo real (semântica), e (ii) discutir a estrutura interna lógica das relações entre esses objetos mentais (sintaxe). Essa posição atribuída a Descartes também foi defendida, com variações, por Pascal, Russell, o primeiro Wittgenstein, Quine, Chomsky e muitos outros. Entretanto, fica claro que existe uma importante lacuna nessa proposta de filosofia de linguagem. Nos referimos à perspectiva pragmática, que trata exatamente da questão dos sentidos da linguagem, como são percebidos pelo interlocutor, seus efeitos e aplicações práticas.

Ainda segundo Rohrer (2001), outro sentido importante do termo 'corporeidade' se refere ao curso evolucionário do desenvolvimento do organismo ao longo de sua história genética. A diferenciação gradual de informações em mapas múltiplos, cada uma representando um quadro de referência diferente na evolução do sistema visual dos mamíferos, seria uma explicação evolucionária de múltiplos quadros para referência espacial. Rohrer (2001) observa que a própria emergência da linguagem humana e o fato de seu processamento não estar ligado a um módulo específico, mas sim espalhado por diversas áreas do cérebro, apontam para a dimensão evolutiva da corporificação da linguagem.

Rohrer (2001) aponta que, na visão clássica da cognição, a mente é fundamentalmente composta de representações que ligam símbolos ao mundo. Essa concepção antiga de filosofia da linguagem teve como origem as filosofias platônicas e aristotélicas sobre linguagem e ciência. Segundo essas visões, a linguagem idealizada 'cortaria a natureza em suas articulações', para se referir a elas como estão postas na natureza, independentemente de nossa percepção ou experiência. No *Político* de Platão, o Estrangeiro de Eléia instrui um jovem Sócrates na arte da definição:

Devemos ter cuidado para não quebrar um pequeno fragmento e depois contrastá-lo com todas as seções importantes que foram deixadas para trás. Nós devemos apenas dividir onde há uma clivagem real [...] é esplêndido se alguém realmente pode dividir a classe procurada imediatamente de todo o resto – isto é, se a estrutura da realidade autoriza tais divisões.

Rohrer (2001) conclui que a recomendação do Estrangeiro de Eléia no diálogo platônico está ligada a uma determinada tradição dentro das ciências cognitivas. Mas a visão defendida por James é diferente e se baseia em um sentido ricamente filosófico do conceito de 'corporeidade' como sede da percepção e da conceptualização dos objetos da realidade.

3. Estética da Razão na Linguagem

Nosso terceiro autor também discute as questões da percepção e razão na linguagem. Seu ponto de partida é mais uma vez o anticartesianismo de James, que reúne o que Descartes insistiu em separar: corpo e mente. Johnson (2007) é mais um autor que enxerga no conceito de 'corporeidade' de James ligações com as atuais pesquisas em neurolinguística sobre as relações entre percepção, sensação e conceptualização nos processos de significação da linguagem.

Segundo Johnson (2007), James foi o primeiro a explorar uma maneira de formular conceitos sem sucumbir à visão dualista cartesiana da cognição. James estabeleceu que percepções e conceitos são dois aspectos de um fluxo contínuo de sensação e pensamento.

A grande diferença entre percepções e conceitos é que as percepções são contínuas e os conceitos são discretos uns dos outros em seus vários significados. Cada conceito significa apenas o que significa individualmente e nada mais; e se o observador não sabe o que ele quer dizer, isso mostra que seu conceito foi mal formado. O fluxo perceptivo como tal, pelo contrário, não significa nada e é apenas o que é pontualmente. Não importa seu tamanho, é sempre um excesso, e contém inúmeros aspectos e personagens que a concepção pode distinguir, isolar e, posteriormente, organizar. Ele mostra duração, intensidade, complexidade ou simplicidade, interesse, excitação, prazer ou seus opostos. (JAMES 1916, p. 48 - 49)

Nossos conceitos, esclarece Johnson (2007), envolvem ações físicas e interações sociais que ocorrem continuamente. Conceitos não são coisas misteriosas ou entidades abstratas com um significado ontológico especial. Nossa linguagem conceitual nos permite traduzir várias qualidades e padrões significativos dentro de nossa experiência, e marcar distinções de forma a reconhecer aquilo que permanece, mesmo através de diferentes experiências e pensamentos. Separamos dentro do fluxo da experiência o que nos importa, coisas que têm valor, significado, qualidade, forma e relações.

Johnson (2007) elabora a regra pragmática de construção do significado em James. Cognição e conceptualização constituem um processo contínuo para atender a vários aspectos de nossa experiência e colocá-los em uso como parte da investigação. James distinguiu o que chamou de aspectos ‘substantivos’ e ‘funcionais’ de um conceito:

A. Parte Substantiva

1. Signo ou expressão simbólica (uma palavra ou outra forma simbólica)
2. Imagem ou apresentação sensorial (a imagem evocada pelo signo)

B. Parte funcional: o que o conceito leva a pensar ou seus efeitos

Para ilustrar essas distinções, Johnson (2007) usa o conceito ‘cão’. A parte substantiva inclui a palavra ou signo (*cão, dog, perro, chien, Hund*) e uma imagem mais ou menos rica em sentidos (concreta ou esquemática) de um cão. A parte funcional é o que os cães nos proporcionam por meio de possíveis interações. Por exemplo, podem ser acariciados, nos receberão alegremente quando chegarmos em casa, etc.

Para James, essas interações são físicas e intelectuais. Nos ditos conceitos ‘concretos’, a dimensão substantiva é bastante vívida e imediatamente evocável, ao passo que, nos conceitos ‘abstratos’, as conexões funcionais predominam, quase exclusivamente. Nossa capacidade de pensamento abstrato - para discernir relações funcionais e suas implicações – nos permite planejar, raciocinar e teorizar. Essa vantagem evolutiva culminou em nossa capacidade de identificar e resolver certos problemas altamente complexos (físicos, sociais, morais, espirituais) que encontramos. James explica:

Ora, por mais bela ou meritória que seja a contemplação estacionária que a parte substantiva de um conceito possa ser, a parte mais importante de seu significado pode naturalmente ser considerada como as suas consequências. Essas podem estar no modo de nos fazer pensar ou no modo de nos fazer agir. (JAMES, 1916, p. 59).

Johnson (2007) destaca que no coração de toda filosofia pragmática está a compreensão fundamental de que pensamento e cognição representam ação. O pragmatismo reconhece que o pensamento pode ser transformador de nossa experiência precisamente porque é corporificado e interligado com sensações.

Pensar não é algo que trazemos exteriormente para nossa experiência; em vez disso, é algo que faz parte da experiência - uma dimensão incorporada daquelas experiências nas quais a abstração está ocorrendo. Nossa capacidade de conceptualizar é a nossa principal resposta para os problemas que encontramos, é como nos adaptamos às situações e as modificamos, conforme possível e desejável, através do uso da inteligência.

Essa concepção de mente e pensamento é a base da famosa regra pragmática de significado de James, que afirma que o significado de um conceito é

uma questão de suas consequências para o nosso pensamento e para nossas ações, presentes e futuras.

Para Johnson (2007), James justifica uma base emocional para lógica principalmente em *The Stream of Thought (Principles, 1890)*. Nesse renomado capítulo, James leva sua teoria da corporificação da conceptualização e da cognição aos seus limites ao enfatizar que mesmo as relações lógicas são sentidas e não apenas raciocinadas. James defende a natureza corpórea da conceptualização e a ela também incorpora a consciência e o pensamento. O pensamento humano é um fluxo contínuo incorporado e o que chamamos de 'ideias' são fases desse fluir. A natureza dessa 'corporeidade' molda tanto o que e como pensamos, e todo pensamento implica em uma certa consciência corporal.

Nossa própria posição corporal, atitude e condição ficam registradas, embora de forma desatenta, na consciência e, invariavelmente acompanham o conhecimento de qualquer outra coisa que sabemos. Nós pensamos; e, quando pensamos, sentimos nosso corpo como sede do pensamento. Se o pensamento é o nosso pensamento, ele deve estar impregnado em todas as suas partes com aquele calor e intimidade peculiares que o fazem vir como nosso. (JAMES, 1890, Vol. I, p. 241).

Johnson (2007) pondera que se James estiver certo, a leitura destas palavras e os pensamentos que expressa devem provocar certas sensações. Para James, o pensamento flui e deve haver uma qualidade desse fluxo que podemos experimentar. James usa aqui sua famosa metáfora sobre os 'voos e pousos' do pensamento, à semelhança dos pássaros. O pensamento passa de um lugar de descanso temporário, uma imagem ou ideia substantiva, para outra sucessivamente. No caminho, há a sensação de direção, dos ritmos e dos pulsos da nossa transição de um lugar (imagem estável ou ideia) para outro. O que sentimos são os padrões e qualidades desse fluxo transitório de pensamento, embora na maior parte do tempo tenhamos perdido essa sensibilidade.

Como exemplo, Johnson (2007) usa o ato de escrever. Sempre que a escrita está indo bem, há uma certa direção, força e impulso estabelecidos pelos primeiros pensamentos. As palavras fluem, juntamente com o pensamento, em uma transição suave. Mas então as coisas travam por um momento. Você não sabe como prosseguir. Observe a tensão física que acompanha a interrupção do seu pensamento. Você precisa encontrar uma solução para retomar seu trabalho. O pensamento é um processo e, como ocorre ao longo do tempo, envolve a experiência sentida do movimento de avanço de um estágio do processo para outro. As relações lógicas são sentidas como transições de um pensamento para outro. James corajosamente afirma:

Se existem coisas como sensações, então com a mesma certeza que existem relações entre os objetos em *rerum natura*, com tanta certeza, e mais certamente, existem relações entre tais sensações. Não há uma conjunção ou uma preposição, e dificilmente uma locução adverbial, forma sintática, ou entonação, na fala humana, que não expresse algum tipo de sensação das relações que em

algum momento realmente sentimos existir entre os objetos mais significativos do nosso pensamento [...] Deveríamos poder descrever uma sensação de 'e', uma sensação de 'se', uma sensação de 'mas', e uma sensação de 'por', tão claramente como expressamos uma percepção de 'azul' ou uma sensação de 'frio'. (JAMES, 1890, Vol. I, p. 245)

Johnson (2007) reconhece que a maioria dos filósofos da linguagem têm dificuldade em aceitar as alegações acima sobre a relação entre lógica e sensações. Eles defendem que a lógica trata de relações formais e de algoritmos puros que podem ser executados em computação. Mas a chamada lógica dos computadores é totalmente diferente da lógica inferencial humana. O pensamento humano é um processo sensorial contínuo, sempre ligado ao monitoramento dos próprios estados do corpo. No mesmo capítulo em que James descreve a sensação de relações lógicas, ele usa a ciência neurológica de sua época para confirmar sua afirmação de que às vezes sentimos o fluxo do pensamento:

Acreditamos que o cérebro seja um órgão cujo equilíbrio interno está sempre em estado de mudança - mudança afeta todas as partes. Os pulsos de mudança são sem dúvida mais violentos em um lugar do que em outro, seu ritmo é mais rápido neste momento do que naquele [...] No cérebro, o rearranjo perpétuo deve fazer com que algumas formas de tensão permaneçam relativamente longas, enquanto outras simplesmente vêm e passam [...] As consciências remanescentes, se de objetos simples, chamamos de 'sensações' ou 'imagens', conforme são vívidas ou fracas; se de objetos complexos, nós as chamamos de 'percepções' quando vívidos, 'conceitos' ou 'pensamentos' quando fracos. Para as consciências rápidas, temos apenas os nomes de 'estados transitivos' ou 'sentimentos de relação'. (JAMES, 1890, Vol. I, p. 246)

Para James (1918), o fluxo do pensamento consiste em imagens, percepções e conceitos que se alternam para formar relações lógicas e monitorar os processos e equilíbrio do cérebro. Johnson (2007) observa que temos hoje relatos neurocientíficos mais detalhados e bem fundamentados sobre o monitoramento do equilíbrio do corpo pelo cérebro.

Johnson (2007) depreende que, se a lógica não cai do 'céu platônico', então certamente deve ter origem em nossa experiência corpórea como organismos funcionais em ambientes mutáveis. E, melhor do que qualquer um antes ou depois, James compreendeu que o reconhecimento desse fato requer uma séria reconsideração da própria natureza dos conceitos, pensamento, raciocínio e lógica da mente humana.

As relações formais não são sem sentido e arbitrárias, mas altamente motivadas e significativas. A significação vem da natureza de nossos corpos e dos padrões de interação que temos com nosso meio ambiente e, portanto, é moldada por nossos valores, interesses e propósitos como agentes ativos.

Considerações finais

O pragmatismo clássico norte-americano de Peirce, James e Dewey mantém um diálogo com “25 séculos de filosofia” (SANTAELLA, 1994, p. 12). No caso particular deste artigo, o conceito de *embodiment* ou ‘corporeidade’ defendido por James é uma crítica e uma rejeição à separação entre corpo e mente proposta por Descartes. Infelizmente, a maior parte da filosofia anglo-americana do século XX ignorou essa rica tradição filosófica norte-americana em favor de uma filosofia analítica cartesiana que marginalizou as discussões sobre a estética da razão ou o papel do corpo na construção do pensamento lógico e como resultado herdamos: “uma visão muito superficial e eviscerada da mente, do pensamento e da linguagem” (JOHNSON, 2007, p.7).

Certos filósofos ainda incorrem no erro de encarar noções como qualidade, emoção e sentimento como estados mentais subjetivos, julgamentos ou gostos pessoais. Essa “subjetivação da estética” (GADAMER, 1975, p. 71 - 72) gerou equívocos como o tratamento da mente como um ente ‘desencarnado’, do pensamento como superior ao sentimento e do conhecimento como independente do sentimento.

No entanto, nos últimos anos, as neurociências cognitivas começaram a atrair filósofos analíticos da mente e da linguagem interessados em investigar o papel e a influência das emoções e sentimentos na construção de nossa capacidade de compreender a vida segundo uma perspectiva da corporificação da mente.

Este artigo tratou das visões, análises e convergências sobre o conceito de jamesiano de ‘corporeidade’ segundo três diferentes perspectivas. Damásio discute as conexões entre emoção, razão e o cérebro humano; Rohrer explora os vínculos entre Pragmatismo e Linguística Cognitiva e Johnson examina o papel da estética no desenvolvimento da razão humana.

Damásio (1994) cogita que a razão pode não ser tão pura quanto pensamos ou gostaríamos e que emoções e sentimentos estão enredados em relações que podem ajudar ou comprometer a razão. Damásio (1994) aponta que as estratégias da razão humana provavelmente se desenvolveram a partir da força norteadora dos mecanismos de regulação biológica, dos quais emoção e sentimento são expressões notáveis. Damásio (1994) ressalta que, mesmo após o estabelecimento das estratégias de raciocínio nos anos de formação, sua implantação efetiva provavelmente depende, em grande parte, de uma capacidade contínua de experimentar sentimentos. Damásio (1994) sugere que certos aspectos do processo emocional são indispensáveis para que a racionalidade nos aponte na direção certa e nos ajude a tomar decisões mais corretas. Emoção e sentimento, juntamente com seu maquinário fisiológico subjacente, nos ajudam na difícil tarefa de prever um futuro incerto e planejar nossas ações com inteligência. Para Damásio (1994), a mente existe como parte de um organismo integrado; nossas mentes não seriam como são se não existisse a interação do corpo e do cérebro durante a evolução. Com base na referência básica que o corpo fornece continuamente a mente pode conceber realidades concretas ou imaginárias. Damásio (1994) reúne corpo, mente e cérebro em um conceito único que chama de organismo constituído a partir de circuitos reguladores bioquímicos e reguladores neurais mutuamente interativos (incluindo componentes neurais endócrinos, imunes e autonômicos). Esse organismo interage com o meio ambiente como um conjunto: a interação não é

apenas do corpo nem do cérebro. As operações fisiológicas que chamamos de mente são derivadas desse conjunto estrutural e funcional. Os fenômenos mentais devem ser tratados apenas no contexto da interação de um organismo em um ambiente.

Rohrer (2001) vai além da análise do conceito jamesiano de 'corporeidade' e sugere aplicações na área da análise pragmática da linguagem. Rohrer (2001) investiga as ligações entre linguística cognitiva e o quadro mais geral das ciências cognitivas. Seu principal tópico de análise são os quadros espaciais de referência. Entre as descobertas teóricas mais significativas da neurociência, constatou-se que o cérebro manipula percepções na forma de conteúdos imagéticos. Um dos princípios básicos da organização neural é a representação topológica de mapas neurais que registram informações como localização, movimento, som e assim por diante. A estrutura organizacional desses mapas implica necessariamente em um quadro de referência que o cérebro se esforça constantemente para atualizar segundo mudanças no movimento dos olhos, no movimento da cabeça ou da orientação corporal. Rohrer (2001) propõe uma linguística cognitiva de orientação pragmática em oposição à tradicional visão referencial e simbólica da cognição e da linguagem. Rohrer (2001) lembra que os pragmáticos definem a linguagem não apenas como uma habilidade mágica que diferencia o homem dos animais, mas como um refinamento altamente complexo, fruto de nossa herança genética. Na visão pragmática, a linguagem é uma ferramenta cognitiva altamente eficaz, desenvolvida no curso de nossa adaptação a um mundo que, embora complexo, é altamente padronizado. Para Rohrer (2001), a linguagem se desenvolveu em primeiro lugar a partir da mediação entre nossos corpos e cérebros e os problemas e desafios que mundo nos apresenta como, por exemplo, a questão da orientação no espaço. Rohrer (2001) cita cientistas da computação na Suécia que investigaram os referenciais espaciais mais adequados para usar em quiosques de informações voltados para orientar turistas em cidades desconhecidas. Os referidos cientistas se perguntaram se o espaço é relativo ou absoluto e como essa questão pode afetar nossas vidas. A linguística cognitiva, para Rohrer (2001), deve se preocupar com a solução de problemas práticos.

Johnson (2007) procura definir o papel da estética nos processos de significação da razão humana através de uma discussão sobre o significado - sua origem, natureza e construção. Seu argumento é que o significado surge a partir de nossas conexões viscerais e das condições físicas com a vida. É por meio dos nossos corpos e através de nossas percepções, movimentos, emoções e sentimentos corporais que o significado se torna possível e assume suas formas. Johnson (2007) ressalta que é necessário fazer uma exploração muito mais profunda das qualidades, sentimentos, emoções e processos corporais que tornam possível o significado. Ao investigar essas origens profundas e viscerais do significado, Johnson (2007) percebeu que estava lidando com aspectos da experiência tradicionalmente ligados à área da estética. A conclusão é que a estética não deve ser interpretada de maneira restrita envolvendo apenas o estudo da arte e da chamada experiência estética. Em vez disso, a estética se torna o estudo de tudo o que constitui a capacidade humana de criar e experimentar significado. Isso implica que uma estética da compreensão humana deveria se tornar a base de toda filosofia da mente e da linguagem para investigar como o significado é possível para as criaturas com os nossos tipos de corpos, interagindo em diversos ambientes e instituições culturais.

Finalmente, ressaltamos que uma das maiores virtudes do pragmatismo clássico norte-americano de James, como representante do pensamento moderno, é resgatar, rediscutir e reestabelecer diálogos entre os pensamentos clássico e pós-moderno. Referimo-nos ao conceito de *logos* dos antigos gregos, que não faz distinções entre o que chamamos hoje de 'razão' e 'linguagem'. Como vimos nas discussões apresentadas neste artigo, as relações entre ambos os termos são analisadas, aprofundadas e atualizadas, juntamente com o conceito de *pathos* (emoção) que, segundo nossos autores, também desempenha um papel fundamental na constituição da razão humana.

* * *

Referências:

DAMASIO, António, Rosa. **Descartes' Error**: Emotion, Reason, and the Human Brain. Avon Book. New York: 1994.

DAMÁSIO, António, Rosa. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. Companhia das Letras. São Paulo: 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Truth and Method**. Revised Second Edition. Translation revised by Joel Weinsheimer and Donald G. Marshall Continuum. London, New York: 1975.

JAMES, William. **Pragmatism**: A New Name for Some Old Ways of Thinking. First published in 1907. The University of Adelaide Library. Disponível em <<https://ebooks.adelaide.edu.au/j/james/william/pragmatism/complete.html>>

Acesso em 03 de maio de 2019.

JAMES, William. **Some Problems of Philosophy**. a beginning of an introduction to philosophy. Longmans, Green, and Co. Fourth Avenue & 30th Street, New York. London, Bombay and Calcutta: 1916.

JAMES, William. **The Principles of Psychology**. Vol I. Henry Holt Company. New York: 1890, 1918.

JAMES, William. **The Principles of Psychology**. Vol II. Henry Holt Company. New York: 1890, 1918.

JOHNSON, Mark. **The Meaning of the Body**: a Aesthetics of Human Understanding. The University of Chicago Press. Chicago & London: 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 11ª edição. Coleção Primeiros Passos - 103. Brasiliense. São Paulo: 1994.

ROHRER, Tim. Pragmatism, Ideology and Embodiment. William James and the Philosophical Foundations of Cognitive Linguistics. In: **Language and Ideology**: Volume 1: Theoretical Cognitive Approaches. Edited by René, D.; Bruce, H.; ESRA, S. John Benjamin's Publishing Co. USA, PA: 2001.